

SC10. Teoria e historiografia

Antônio Clarindo de Sousa

CONGO E CONGADA: ANÁLISE DE UMA HISTORIOGRAFIA AFRO-BRASILEIRA

*Thiago dos Santos Farias¹
Prof^a. Dr^a. Rosilene Alves de Melo²*

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre as Congadas que se configuram como manifestações de ordem cultural e religiosa dentro das irmandades negras em todo o Brasil e que tem suas origens ainda na chamada diáspora africana quando do tráfico negreiro para nosso país e outros a exemplo de Portugal. Busca-se com base no diálogo com a historiografia afro-brasileira e africana conceituar a Congada partindo da ideia de nação bantu (banto) levantada por vários estudiosos da área. Dessa forma analisaremos os discursos de historiadores, antropólogos, sociólogos, etnólogos e outros estudiosos que possam contribuir para a elaboração deste escrito. Utilizaremos livros, artigos, tese, dissertações e outros materiais que possa nos dar suporte. Tudo isso na tentativa de conceituar a Congada dando a esta manifestação cultural uma unidade discursiva.

Palavras-Chave: História, cultura, congada e historiografia.

INTRODUÇÃO

Quibamba virou
Mandou me chamar (2x)
Eu mandei dizer
Que não ia lá
Qu`istava rufando
Com`eu maracá...
(canto de embaixada dos congos da Paraíba)³

No início do século XX as discussões sobre a identidade nacional vem à tona em face das influências do movimento modernista e de um grupo em particular chamado folcloristas. Esses intelectuais buscam consolidar uma identidade brasileira fundada nos três elementos que compõem o Brasil: o europeu; o índio e o negro.

Nesse contexto, Mário de Andrade um grande intelectual brasileiro e então diretor do departamento de cultura do estado de São Paulo é quem vai no período de 1935-38 dar início a uma missão de pesquisas folclóricas com o intuito de registrar e gravar em discos a maior

¹ Graduando da Universidade Federal de Campina Grande/Centro de Formação de Professores/Cajazeiras-PB/Campus II. E-mail: thiagodossantosfarias@gmail.com

² Docente da Universidade Federal de Campina Grande/Centro de Formação de Professores/Cajazeiras-PB/Campus II. E-mail: rosilenemelo@gmail.com

³ (BEIJAMIM, 1977, p. 10).

quantidade possível das manifestações populares do Brasil que pudessem reafirmar nossa herança cultural.

E assim se fez por todo o território nacional através dessas missões que percorreram o Brasil, principalmente o interior do Norte; os sertões de Minas Gerais e os sertões do Nordeste.

As viagens de Andrade foram de significativa importância no que se refere à coleta e a elaboração de textos que sistematizam um minucioso detalhamento sobre boa parte das manifestações culturais do Brasil e, sobretudo do Nordeste do país.

Nesse contexto as Missões de Pesquisas Folclóricas como foram nomeadas por Mário de Andrade passaram pelo sertão nordestino, mais precisamente pelo Ceará no vale do Icó, no Pernambuco na região do Pajeú, no Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte e Também aqui na Paraíba.

Na Paraíba essas Missões Folclóricas visitaram as Cidades de Santa Rita, Patos, Sousa e Pombal. Sendo que, na primeira e na última para registrar as danças dramáticas e apresentações dos Congos (Congadas) e nas outras duas, a segunda e a terceira para fazer o registro da tradicional Pega de Bois e do Bumba Meu Boi respectivamente.

Esse pequeno detalhamento será necessário para que o leitor encontre a origem da minha discussão sem muito esforço.

Todavia, o objeto deste estudo são as Congadas que Mário de Andrade empenhou-se para dar-lhe especial crédito. E com isso chamar a atenção do Brasil para sua importância do ponto de vista cultural, pois a Congada naquela época e ainda hoje esta mergulhada em um caldo de simbologia e sincretismo religioso por demais relevante.

Sobre a Congada Mário de Andrade diz que: é a mais pura manifestação da cultura popular brasileira pelo fato de ser um rito não só dramático religioso, mas por expressar a ancestralidade do negro e sua ligação com a identidade de ser humano produtor de cultura (ANDRADE, 1935, p.35).

No que se refere à abordagem feita sobre as Congadas até agora no Brasil, ela tem sido vista de forma particular, pontual e mesmo municipalizada. Portanto, é nesse ponto que percebemos a necessidade de aprofundar as análises de forma que possamos não abarcar o todo, mas traçar um olhar panorâmico sobre tal assunto de maneira que este possa ser vista e pensada em um conjunto histórico maior e mais prático do ponto de vista da sua conceituação.

A maioria dos escritos sobre as congadas a veem como uma manifestação “nacional”, nascida no Brasil ainda no período colonial por volta de 1760 (XVIII) ligadas a

confrarias de irmandades negras em louvor a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito. Outros como José Gomes Tinhorão retrocede um pouco no tempo e relata a realização de uma Congada em Portugal para comemorar o casamento de D. Maria I que se realiza anterior as do Brasil. Porém, sem data definida (SILVA, p.1).

Todavia, o costume das Congadas não se vê por muitos historiadores como exclusividade do Brasil ou mesmo de Portugal, pois era uma prática comum entre as sociedades africanas a coroação de reis de fachada para governar pequenos territórios durante o domínio português sobre a África Centro-Occidental (região conhecida como reino do congo ou mani soyo), e para isso se realizava uma festa por demais animada e dançante no momento da entronação de patronatos nativos que tiveram suas ações de mando reduzidas a poderes simbólicos.

Isso tudo serve para afirmar a forma como a Congada ainda é vista hoje. Ou seja, totalmente desenraizada de seu centro que na verdade é uma “Cultura Banto” que se formou no Brasil a partir de povos africanos que vieram nosso país no período do tráfico de escravos, e que foram capturados em uma região da África Centro-Occidental. Estes eram falantes de línguas oriundas de um mesmo tronco linguístico e fonético formando na América Portuguesa o que os historiadores chamam de Nação Banto.

Conclui-se que há uma clara e gritante necessidade de falar das congadas partindo desse núcleo “parental” para tentemos dar a mesma um conceito e um lugar na historiografia a qual ela de fato merece.

Portanto, é preciso ver a Congada partindo de um “mapa” que diga o que ela é de fato e o que sua formatação enquanto manifestação da cultura religiosa representa para nós do ponto de vista da historiografia.

CONGOS E BANTOS: UM CONTEXTO DE ALEM-MAR

A cultura Banto (Bantu) é originária do centro da África, mais precisamente da região que a qual denominamos de África-Centro-Occidental ou ainda pode ser chamada de África Negra. Deste lugar geográfico foram trazidos para o Brasil no período colonial e no Império também, milhares e milhares de africanos para serem escravizados aqui em nosso país. Estes geravam lucros para os traficantes, senhores de engenho e outros que tinham total proteção fiscal e legal tanto da metrópole quando o Brasil era colônia, quanto do Império brasileiro no pós-independência.

O fato interessante é que estes povos negros que aqui chegaram tinham algo muito em comum. Primeiro o fato de serem do mesmo continente, mas até aí, tudo bem. Porém, o que os ligava mais diretamente era o fato de todos falarem uma língua que tinha um tronco unitário e que convergiam para o entendimento de vários dialetos das chamadas “nações africanas”.

No caso desses povos, para “além-mar” não se sabia de nada ou quase nada, ficando o indivíduo que era escravizado em situação de desterritorialização. Não sabia onde estava e que lugar era aquele – apesar de o Brasil parecer um pouco com a África em termos de clima - Porém, contudo, o que se deu nesse momento de diáspora foi uma busca por resistência pacífica, feita claro, por meio de unidade linguística que era próxima e comum do seu lugar: o banto ou língua bantu, que pode ser denominado de Nação Bantu no sentido mais real possível do ponto de vista da ideia de Nação.

Essa ideia de “nação” é algo que vigora em vários estudos sobre os Congos e as Congadas. É daí que vem outra ideia que se agrega a anterior sendo denominada de termo. O termo nada mais é do que uma nação mais reduzida e que tem uma participação também significativa na Congada. Porém, a mais forte, sem dúvida nenhuma é a nação. Este termo aparecerá em nosso trabalho – outros também – com grande frequência para que possamos dirimir o que é dito nos discursos que fundam a Congada em quanto manifestação de práticas culturais permeada de religiosidade e que procuramos discutir com base nas fontes que dispomos sobre esta temática como sendo uma prática que pode ser classificada do ponto de vista da análise do discurso com uma manifestação que deixa mostrar-se em categorias em categorias de ação e vivência.

AS CATEGORIAS DA CONGADA: UM ACHADO NOS DISCURSOS HISTORIOGRÁFICOS

I- O mito e a narrativa fundante

Na História da humanidade vemos em geral que toda sociedade em todos os tempos possuíram ou possuem seus mitos. Os povos antigos tinham seus mitos para explicar as coisas, pois se tratava de um tipo de mito que chamamos de cosmológico, ou seja, aquele que explica as origens por se só e por mais nada. Porém, o tipo de mito que aqui trataremos um o chamado mito das narrativas fundantes. Sem querer de antemão parecer que busco

legitimidade ou unanimidade, o mito do cosmológico é tão importante quanto o da narrativa, porém este último está ligado diretamente ao nosso objeto de pesquisa que são as Congadas.

O mito da Congada é elaborado por uma narrativa fundante que incorpora elementos da religiosidade católica romana como sendo o seu campo de transição. Ele tem uma base ancestral que se manifesta na figura “divida/monárquica” de um Rei (ou Rainha ou Capitão) dependendo do lugar de onde seja a congada). Este Rei é o elo que liga os povos de cultura negra com sua ancestralidade africana, com suas raízes que ficaram do outro lado do Atlântico.

Nesta linha de raciocínio se expressa Marina de Mello e Sousa:

foi a força simbólica e a capacidade de arregimentação de um rei ou chefe que fizeram as associações étnicas organizadas ao seu redor serem adotadas pelos diferentes grupos, em lugares diversos (2006, p.173).

Desta forma o Rei de Congo ou da Congada representa toda a força espiritual que envolve a cultura religiosa afro-brasileira e os espaços de manifestação dos congadeiros. Esse espaço é não só mítico, simbólico, mas também social, pois é nele que os “brincantes” da Congada dão significado a aquilo que realizam enquanto manifestação da cultura negra.

Ser congadeiro nesses termos demonstra toda a capacidade de reelaboração de uma cultura ancestral que não se pode deixar morrer, não se pode deixar desaparecer. Toda a narrativa mítica da congada busca nesse sentido a legitimidade do ritual em suas práticas diárias no momento de realização da Congada. O mito neste sentido é o elemento fundante e irradiador de unidade simbólica que faz com que os congadeiros se identifiquem com um lugar de origem: a África.

II- Espaços da congada: irmandades negras e pardas

Neste ponto os discursos sobre as Congadas têm como objetivo principal realizar uma reflexão sobre o lugar das manifestações culturais de tradição festiva e simbólica que envolve a temática. Para tanto, de antemão iniciamos este ponto com a seguinte colocação:

A Irmandade do Rosário compunha-se de homens e mulheres, o que a diferenciava, por exemplo, da Irmandade do Santíssimo Sacramento, que era composta só de homens. Em Jequitibá, houve as duas Irmandades: a do Rosário e a do SS. Sacramento. Como a participação dos homens pretos nas igrejas dos brancos era restrita, teremos as duas igrejas: a capela dedicada à Senhora do Rosário e a igreja matriz dedicada ao Santíssimo Sacramento. Com o passar do tempo, as Irmandades

do Rosário ficaram constituídas exclusivamente por homens e mulheres de origem da raça negra. Exemplos dessas construções se encontram em Ouro Preto, Diamantina, Divinópolis, Jequitibá, e outras cidades mineiras (SANTOS, 2011, p.37).

O fragmento de texto acima é uma amostra desse lugar da Congada. O autor nos diz que em várias cidades de Minas Gerais havia Irmandades do Rosário, por vezes até duas, com cultos diferentes, mas que não deixava de serem irmandades. Espaço de fé e rememoração simbólica, espaço de elaboração do sarado.

Nosso entendimento sobre este contexto histórico é o de que as Irmandades sejam elas dedicadas ao santo que for, eram o lugar de vivência e convivência espiritual dos congadeiros. Lá se elaborava ou reelaborava – tenho frisado constantemente isso – o sagrado; o ancestral, que era para os participantes deste lugar de religiosidade o ponto de partida para um retorno das origens indentitárias do ser congadeiro.

Porem há na história do congado registro de tentativas que buscavam desfazer estes espaços simbólicos:

...os espaços festivos dos grupos de Congado são tidos, por uma série de grupos hegemônicos de sujeitos, como espaços que não possuem a densidade necessária para que sejam considerados como importantes... os espaços da negritude são repetidamente vistos como espaços perigosos à ordem estabelecida. Deslegitimar este espaço faz parte, pois, de uma deliberada medida de desqualificar a positividade das espacialidades negras, relegando-as a um status de “signo inabitável”, que possuem suas existências exclusivamente para que um outro tipo de espaço, o espaço do branco, possa se instituir como espacialidade legítima (SANTOS, 2011, p. 199-200).

A Igreja do Rosário – tomada aqui como lugar genérico – não é por excelência o espaço do negro, mas sim o espaço de onde o branco buscava legitimar o seu poder sobre o negro. Este lugar era “aberto” ao negro como tentativa de controle social que tanto a religião exercia quanto o “Estado” autorizava e legitimava.

Portanto, o espaço da congada era um espaço em grande medida muito influenciado por esses agentes externo-internos que estavam ao redor dos congadeiros no intuito de sempre controlar estes espaços; de sempre controlar o lugar da congada. Porem nem sempre isso se dada de maneira efetiva devido a resistência dos negros.

III- O Ritual Congadeiro: processos mágicos de significação

O ritual do Congado é um processo de magia e evocação das antigas batalhas dos reinos africanos que se deram origem as embaixadas africanas no período de dominação portuguesa nos séculos XVI e XVII. Este ritual elabora-se conforme o sentido mágico dos objetos utilizados pelos congadeiros nas festividades da Congada. Ao invocar a Santa do Rosário, por exemplo, o “brincante” da Congada chama nossa atenção para a ideia de ritualização do festejo que vez ou outra é taxado de “puro folclore”. Coisa que desqualifica seu lugar de manifestação elaborada e transformada no cotidiano das práticas culturais, pois a Congada possui em seu bojo histórico os elementos que a legitimam pra tal como o ritual que ora aqui discutimos; o mito (Rei), o espaço ou lugar da Congada que são as irmandades. Portanto, sempre é sabido perceber a Congada como um processo de significação ou ressignificação das práticas culturais de origem afro-brasileira.

Neste sentido:

As tradições de acordo com as épocas ganham novos contornos, o que não deixa de provocar reações nostálgicas a respeito de um passado que não se faz mais presente da forma como antes fora vivido; fazendo com que surja no contexto do Congado, inserido numa cidade que se propõe a ser metrópole, um questionamento sobre as fronteiras que distanciam ou aproximam a fé do que para alguns pode se transformar em espetáculo... O embate entre o que se pressupõe fazer parte de uma modernidade e se distancia de alguns rituais tradicionais do passado suscita várias questões (BRASILEIRO, 2012, p.131).

Desta forma, percebemos que o ritual da Congada não é algo estático, ou seja, algo que não muda ao longo do tempo e ao longo das influências cotidianas que constantemente recebe de seus membros e possivelmente de agentes externos. As trocas de experiência dos membros do congado com outras pessoas podem de certa maneira leva-los a mudar de postura diante de vários momentos do congado. Essa postura pode acontecer em relação ao comportamento das danças; dos cânticos, dos elementos mágicos como: chocalhos, ganzás, bastões, cores e outros adereços que simbolizam práticas e significações do ritual congadeiro.

Contudo, a discussão sobre as Congadas tem em vista o estabelecimento de não só perceber esta “ritualidade” que está a todo tempo amostra na festa do Congo, mas no seu caráter de identidade do ser congadeiro, do seu envolvimento com as práticas cotidianas desta cultura negra que para além da festa tem profunda relação com as histórias de vida das pessoas que dela fazem parte e a ele se dedicam para fazer a congada. A congada é mito,

espaço e magia que da significação a vida de quem “brica” e louva no ritual da vida cotidiana de ser congadeiro.

(IN) CONCLUSÕES

Até aqui nos debruçamos sobre uma ideia central de Congada que se limita a possuir um tripé de elaboração. O mito, personificado na figura divina/monárquica (Rei, Rainha ou Capitão); nas Irmandades (espaços de significação da Congada e no Ritual, onde a Congada de fato acontece e é “brincada”, dava a ver (perceber), sentida enquanto manifestação de fé e alegria pois também é festa. Festa negra de origem africana que lutou e ainda reluta para que as gerações futuras não esqueçam de que não podemos deixar o passado e as raízes de lado. É preciso rememora-las, reelabora-las e resignificá-las pra a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. Os congos. **Lanterna Verde**: Rio de Janeiro, n.2, p 36-53, fev.1935.
- BARBOSA, Márcia Fagundes. Nação, um discurso simbólico da modernidade. In: **Crítica cultural (critic)**, Palhoça, SC, v. 6, n. 1, jan/jun de 2011, p. 203-216.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. A história, os homens e o tempo: A escolha do historiador. In: **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001, p. 51-68.
- BRASILEIRO, Jeremias. **O RESSOAR DOS TAMBORES DO CONGADO -entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas.**(1955 - 2011). UFU/MG, Uberlândia – MG, 2012. Dissertação (Mestrado em História e Cultura).
- CERMIÁVSKIS, Elvira. **Congo: fé ou festa? Eis a questão**. CELACC/ECA-USP, 2010, (TCC).
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **As raízes da congada: a renovação do presente pelos filhos do rosário**. UNB, Brasília, 2006. Tese (Doutorado em Antropologia).
- FERREIRA, Rodrigo de Souza. Origens da congada: controvérsias e convergências. In: **Unimontes científica**, Montes Claros, v. 7, n.2-jul/dez de 2005, p. 101-111.
- GONÇALVES, Antônio Custódio. As influências do cristianismo na organização do Reino do Congo. In: **Congresso Internacional Bartolomeu Dias e sua época**. Faculdade de Letras do Porto. Porto, 1989, p. 522-539.
- PINTO, Márcia de Vasconcelos. Identidade Cultural. In: **Encontro Nacional dos Estudantes de Arquitetura**. 15 de julho de 2004, Brasília – DF, p. 01-19.
- SANTOS, Carlos Roberto Moreira dos. **CONGADA E REINADO: história religiosa da irmandade negra em Jequitibá, MG**. PUC/MG, Belo Horizonte-MG, 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião).
- SILVIA, Renata Nogueira. A festa do congado: a tradição ressignificada. In: **26ª reunião brasileira de antropologia**, Porto Seguro-BA, p. 01-13.

- SOUSA, Patrício Pereira Alves de. **Corpos em Drama, Lugares em Trama: gênero, negritude e ficção política nos Congados de São Benedito (Minas Novas) e São José do Triunfo (Viçosa) – MG.** UFMG/MG, Belo Horizonte – MG, 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia).
- SOUZA, Marina de Mello e. Catolicismo negro no Brasil: santos de minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. In: **Afro-Ásia**, 28 (2002), 125-146.
- SOUZA, Marina de Mello e. Reis do congo no Brasil, séculos XVIII e XIX. In: **Revista de História**, 152 (1º-2005), p. 79-98.
- SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei de Congo.** - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- SOUZA, Talita Tavares Batista Amaral. Cultura afro-brasileira: um novo olhar. In: **Vértices**, v. 7, n.1/3, jan/dez de 2005, p. 53-62.
- THORNTOM, John Kelly. **A África na formação do mundo atlântico: 1400 – 1800.** Rio de Janeiro: Else vier 2004. – 2ª reimpressão.
- VALANDRO, Letícia. Cultura e identidade: o cerne da ação e reação imperialista. In: **Cadernos do IL**, Porto Alegre, nº. 37, dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/>, p. 01-08.
- WANDERLEY, Alba Cleide Calado. Reflexos freirianos na construção da identidade afro-brasileira da irmandade do rosário de Pombal - PB. In: **V Colóquio Internacional Paulo Freire** – Recife, 19 a 22-setembro de 2005.